

PRANTEIO, DE NIURA BELLAVINHA



Vista da Sala das Origens do Museu da Inconfidência, com trabalhos produzidos com pigmentos de óxido de ferro sobre algodão

Foto: Divulgação

Artista plástica mineira é a primeira mulher a realizar uma individual na sede do Museu da Inconfidência. Exposição reúne 100 obras inéditas e celebra os seus 35 anos de percurso artístico. Bellavinha chama a atenção para a história colonial do Brasil, de Minas e do próprio Museu, a partir de pinturas e esculturas feitas com pigmentos oriundos de rejeitos de mineração

As seis janelas frontais do Museu da Inconfidência – construção monumental do final do século 18, na Praça Tiradentes, em Ouro Preto (MG) – estão cobertas por telas brancas com um dispositivo de bombeamento na parte superior, que faz derramar tinta vermelha. A mostra propõe um olhar contemporâneo para o passado, levando a uma reflexão sobre o Brasil atual e sobre o país que queremos para o futuro. As janelas que sangram falam tanto do Brasil Colônia quanto do país no século 21.

“O que a gente vê é uma reflexão muito complexa da Niura Bellavinha em relação à nossa herança colonial. Se, por um lado, ela fala sobre nossas cicatrizes em termos de uma situação de mando e submissão, por outro, traz referências que transformam essa relação, apontando para um futuro que pode ser melhor, desde que atuemos para isso”, observa Ana Avelar, curadora da exposição.

“Carlos Drummond de Andrade escreveu um poema chamado Museu da Inconfidência, em que ele usa a palavra pranteio. O texto termina com o verso ‘toda história é remorso’. De certa forma, a exposição traça esse caminho”, adianta Niura.

Reunindo cerca de 100 obras inéditas, a individual dá continuidade ao Programa de Intervenções de Arte Contemporânea, do Museu da Inconfidência, também sob a curadoria de Ana Avelar. Organizada pela instituição, a iniciativa tem estimulado, nos últimos anos, diálogos entre o próprio acervo e proposições de artistas contemporâneos consagrados elaboradas especialmente para os espaços do museu.



Intervenção na vitrine do tronco de açoite

Foto: Divulgação

Após a temporada em Ouro Preto, *Pranteio* seguirá itinerante por várias capitais do Brasil celebrando os 35 anos de percurso artístico de Niura. Estão previstas exposições em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Belém. Em cada uma delas, haverá uma série de ações performáticas.



Vista da intervenção no pátio do Museu da Inconfidência, com pigmentos de óxido de ferro, azul da Prússia, espirulina e clorofila sobre algodão

Foto: Divulgação

“A partir de uma técnica que enfatiza a pulverização na imagem, ela recoloca no centro de sua produção o ‘dentro’ e o ‘fora’, o íntimo e o político, a arte e a magia, misturando tempos históricos”, analisa Ana.

A exposição reúne pinturas abstratas de escala generosa, feitas por meio de escorrimentos e aspersão de pigmentos, técnicas exploradas desde a arte moderna, que ganham com a artista um caráter atual. Niura produz suas próprias tintas com pigmentos oriundos de rejeitos de mineração, particularmente o óxido de ferro (característico da região de Ouro Preto), entre outros segredos de ateliê.

“O pó de meteorito é mais um elemento recorrente na pintura da Niura. Com um viés simbólico, o material remete ao paradoxo ‘vida e morte’, e ao próprio início da vida no planeta Terra. O mesmo acontece com o azul da Prússia, que também tem uma carga ambígua:

tanto serve como remédio quanto está associado ao processo de colonização e de exportação desses materiais pelo mundo colonizado. Ao trazer esses pigmentos para a exposição, a artista chama atenção para a história colonial do próprio museu”, destaca Ana.

Bellavinha reconhece que memórias da infância afetam a sua produção no presente: *“Desde criança, eu convivi muito com todo esse universo do barroco mineiro. Meu pai adorava, me levava às igrejas de Sabará, onde ele nasceu, Congonhas, Ouro Preto... Minha família tinha um lado intelectual interessante, uma aproximação com os poetas. E ainda havia essa coisa muito forte com a arte, com a escultura e a pintura”, lembra.*

As memórias terminam por iluminar os diálogos densos com artistas do acervo da instituição. As telas apresentadas em *Pranteio* ganham novas camadas simbólicas ao serem exibidas nos espaços do Museu da Incon-

fidência: algumas silhuetas remetem às paisagens das montanhas e brumas que cercam Ouro Preto, e que tanto encantaram Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), um artista profundamente admirado por Niura. Mas também sugerem um diálogo com a espiritualidade presente em algumas técnicas desenvolvidas por Wassily Kandinsky (1866-1944) e por Josef Albers (1888-1976), dois grandes mestres da arte do início do século XX.

O escorrido de algumas pinturas feitas com pigmentos terrosos contrasta com outras obras feitas com poeira de meteoritos, simbolizando contrastes entre céu e terra, clarão e escuridão, criação e destruição: sentimentos encarnados nas obras barrocas do acervo do museu.

“Quando ela usa o pigmento de ferro, esse material tem um sentido simbólico enorme. Está na própria história de Ouro Preto, está na história das Minas coloniais e na história da família da artista também”, reflete a curadora. *“O pai da Niura morreu precocemente por complicações de saúde derivadas do manuseio do óxido de ferro na produção de aço. Então, esse óxido, que ela usa simbolicamente, é tanto um elemento que pode contribuir para a vida humana e não-humana na Terra, como pode ser um veneno. E ela vai fazer isso com vários elementos”.*

UM CAMINHO PARA PERCORRER: PRANTEIO SALA A SALA

Para aproveitar ainda mais a reflexão proposta por Bellavinha em *Pranteio*, vale a pena seguir o percurso

proposto pela curadoria. É um deslocamento que trata de tempo-espaço, de vida e morte e das múltiplas vivências que tiveram abrigo no próprio museu, sempre com a perspectiva de pensar um futuro diferente.

A entrada é pela **Sala das Origens**, que reúne pinturas da artista, em contraponto aos retratos do Rei e da Rainha de Portugal.

A segunda parada é na **Sala da Construção Civil**, que exhibe pinturas misturando pó de pedra-sabão com tons avermelhados e terrosos.

Em seguida, o visitante passa pela **Sala do Transporte**, onde há pinturas com tinta feita a partir de terra da Serra do Caraça.



Sala dos Transportes

Foto: Divulgação

O quarto ponto da visita é a **Sala do Trabalho e da Mineração**. Nela estão 12 pinturas com terra de rejeito. Em duas, Niura usa pigmentos vermelhos que aludem a sangue.



Sala do Trabalho e da Mineração

Foto: Divulgação

Na **Sala da Inconfidência**, a artista instala um trabalho translúcido, em diálogo com as pinturas em exposição no ambiente.

O percurso chega ao **Panteão**. *“Nesta sala, estão os restos mortais da poeta Bárbara Heliodora (1759-1819), considerada a heroína da Inconfidência Mineira, só recentemente depositados no Panteão. Do mesmo modo que fizeram uma lápide para Hipólita Jacinta Teixeira de Melo (1748-1828), outra personagem incontornável da Inconfidência Mineira, no ano passado. Sobre os túmulos de ambas, instalei telas vermelhas. E a cruz da Igreja Católica foi coberta por uma tela*

branca, porque esta instituição não teve absolutamente nada a ver com a Inconfidência”, afirma Niura.

As salas seguintes, da **Vida Social** e do **Império**, recebem pinturas-murais que remetem à flora brasileira e criam uma espécie de Império do Verde. Segundo a artista, é o “Império da Mata”.

A visita continua pelo Pátio a céu aberto. A artista criou pinturas, com oito metros de altura, feitas com terra e óxido de ferro preto. *“Elas permanecerão entregues ao tempo e à degradação”, diz.*

No segundo andar, há duas salas dedicadas a dois expoentes do barroco mineiro: Ataíde e Aleijadinho. Niura optou por trabalhar esses espaços em conjunto. *“Quero mostrar algumas esculturas feitas de pedrasabão, material com que Aleijadinho trabalhava. Criei uma circulação interna dentro da pedra e infiltrei as tintas que Mestre Ataíde usava”,* descreve a artista.

A sala consagrada a Antônio Francisco Lisboa (1738-1814), o dito Aleijadinho, permite ainda que Niura enderece o debate sobre o protagonismo desse artista – ou de seu grupo de artistas – na história da arte brasileira e como essa história é narrada dentro do processo de colonização do Brasil.

No catálogo da exposição, Ana Avelar escreve: *“Não coincidentemente a produção artística de Bellavinha recolhe do Barroco de Minas as antíteses pelas quais é conhecido, sendo a oposição entre vida e morte a maior delas. Em termos contemporâneos, a pintura e*

a escultura da artista nos trazem reflexões sobre nossa breve existência neste planeta e o legado dela para as vidas e mortes futuras. Bellavinha infiltra e sopra cores em telas e na pedra-sabão invocando atos da origem da vida e da arte; ao fazer isso, nos desperta para nossas relações extrativistas com não-humanos, fazendo com que pensemos sobre como deve haver justiça também para as nossas espécies companheiras.”

A exposição *Pranteio* conta com o patrocínio dos Supermercados BH, por meio da Lei de Incentivo da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais.

SOBRE A ARTISTA

Nascida em Belo Horizonte, Niura Bellavinha, 62 anos, é bacharel em Artes pela Escola Guignard, com especialização em pintura, escultura e litografia. Também estudou com Amílcar de Castro, desde os 14 anos, no curso livre antes de ingressar na Escola Guignard, aos 16. Aos 19 anos, é convidada por Amílcar para participar de um núcleo avançado de artes e, em simultâneo, participa da Casa Litográfica, a convite de Lótus Lobo.

Vive e trabalha entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Já residiu em outras cidades no Brasil e no exterior. Em seu vasto currículo, destacam-se inúmeros prêmios e mostras internacionais, como 1ª e 4ª Biwako Biennale (2010 / 2014), Omihachimman, Japão; 1ª, 9ª, 5ª e 10ª Bienal do Mercosul, (1997 / 2005 / 2015) Porto Alegre BR; Bienal Internacional de São Paulo (1985 e 1994); e Bienal de Cuenca (1995), no Equador.

Participou de diversos salões nacionais de artes, recebendo o Grande Prêmio no Salão Nacional de Artes

1990 (IBAC/ FUNARTE/ MAP). Realizou mostras individuais a convite de Instituições brasileiras como Oi Futuro Flamengo e Belo Horizonte; CCBB-Rio de Janeiro; Centro Cultural São Paulo; Museu de Arte da Pampulha (BH); Museu de Arte Moderna (RJ); Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ); Paço Imperial (RJ) e Palácio das Artes (SP).

A partir do início da década de 1990 até 2024, realizou diversas mostras institucionais e em galerias comerciais no Brasil e exterior. Em 2016, com o curador e crítico de arte, Paulo Herkenhoff, lançou o livro *“Niura Bellavinha”*, pela Editora Cobogó, que conta a sua trajetória.

SOBRE O MUSEU

O Museu da Inconfidência é um museu histórico e artístico que ocupa a antiga Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica, e mais quatro prédios anexos em Ouro Preto. Seu acervo preserva a memória da Inconfidência Mineira e da sociedade e cultura mineiras, no período do ciclo do ouro e dos diamantes no século XVIII, com destaque para as obras de Manuel da Costa Ataíde e Aleijadinho.

SERVIÇO

Pranteio, de Niura Bellavinha

Até 23 de fevereiro de 2025

Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139, Centro Histórico, Ouro Preto / MG

Site: <https://museudainconfidencia.museus.gov.br/>

Dias/Horários: de terça a domingo, das 10h às 18h (acesso até às 17h)

Entrada franca

Classificação livre